

“Chega desta falsa guerra”: ecologias de valor, operários e ambientalistas na Itália do Sul

Antonio Maria Pusceddu

Este artigo mobiliza as ecologias de valor como um quadro conceitual para dar conta dos conflitos, contradições e dilemas decorrentes da experiência da crise socioecológica contemporânea. Baseia-se num trabalho de campo etnográfico em Brindisi, cidade industrial da Itália do Sul. Através do exame das fricções entre trabalhadores industriais e ambientalistas, o artigo revela os dilemas socioecológicos subjacentes aos seus quadros de valorização. Aborda a “chantagem laboral” como um elemento central do quadro através do qual os trabalhadores e os ambientalistas compreendem as forças contraditórias em ação na crise socioecológica local. Para iluminar a experiência local destas contradições, o artigo analisa a tensão entre valor e valores na configuração da experiência do nexo trabalho-ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: conflito, ecologia política, industrialização, poluição, reprodução social.

“Enough of this fake war”: ecologies of value, workers and environmentalists in Southern Italy ♦ This article mobilizes the ecologies of value as a conceptual framework to account for the conflicts, contradictions and dilemmas arising from the experience of the contemporary socio-ecological crisis. Based on ethnographic fieldwork in Brindisi, an industrial city in southern Italy. Through the examination of the frictions between industrial workers and environmentalists, the article unravels the socio-ecological dilemmas underlying their valuation frameworks. It addresses the job blackmail as a central element of the framework through which workers and environmentalists understand the contradictory forces at work in the local socio-ecological crisis. To illuminate the place-bound experience of these contradictions, the article looks at the tension between value and values in shaping the experience of the work– environment nexus.

KEYWORDS: conflict, industrialization, political ecology, pollution, social reproduction.

PUSCEDDU, Antonio Maria (antonio.pusceddu@iscte-iul-pt) – CRIA-Iscte, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5677-9816>. CRediT: concetualização, investigação, redação – revisão e edição.

FINANCIAMENTO: A investigação e a redação deste artigo receberam apoio da ERC Advanced Grant “Grassroots Economics: Meaning, Project and Practice in the Pursuit of Livelihood” [GRECO] (IDEAS-ERC FP7, Project Number: 323743); da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (CEECIND/01894/2018/CPI1533/CT0001); e do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (UIDB/04038/2020).

INTRODUÇÃO: UMA FALSA GUERRA

Em 20 de maio de 2020, uma portaria do presidente da Câmara Municipal de Brindisi, uma cidade industrial no Sul da Itália, decretou “a suspensão imediata do funcionamento da instalação de *cracking*”,¹ ou seja, a suspensão do coração da produção das fábricas petroquímicas a sul da cidade. A portaria, explicou o presidente da Câmara, era uma resposta à necessidade e ao dever de proteger a saúde pública na sequência de queixas de numerosos cidadãos sobre os fortes cheiros de mistura gasosa, que alegadamente tornavam o ar irrespirável. A portaria tinha sido assinada ao mesmo tempo que o problema foi assinalado à Agência Regional de Prevenção e Proteção Ambiental (ARPA Puglia), que assim iniciou os levantamentos e a monitorização no interior da área petroquímica. A fábrica petroquímica mal tinha recommençado a funcionar após o encerramento previsto para a manutenção. A ordem do presidente da Câmara desencadeou imediatamente as reações oficiais do mundo sindical, quase inteiramente alinhadas em defesa das fábricas petroquímicas e da principal empresa, a Versalis, uma subsidiária da multinacional italiana Eni. A portaria de 20 de maio foi apenas o início de um caso que durou várias semanas e finalmente desembarcou em Roma, onde o governo e os ministérios assumiram um papel de mediação entre o município e a empresa. A portaria, contudo, fazia parte de uma história de protestos contra as chamas das chaminés da fábrica petroquímica e os seus efeitos no ambiente e na saúde. O próprio presidente da Câmara, antigo líder de um movimento ambientalista local chamado No al Carbone (Não ao Carvão), representava, em certa medida, o culminar político de uma importante época de mobilizações ambientalistas contra as emissões das duas centrais termoelétricas a carvão da cidade, iniciadas uma década antes. Estas mobilizações juntavam-se ao historial de protestos – desde os anos 80 – contra os efeitos ambientais da indústria pesada em Brindisi.

Além disso, a ordem de suspensão surgiu numa altura delicada, quando a cidade enfrentava o teste severo do confinamento devido à pandemia de Covid-19, com todos os aspetos críticos de um serviço nacional de saúde frágil, debilitado por anos de cortes. O conjunto de tensões que toda a situação produziu refletiu-se nas redes sociais, através de opiniões polarizadas entre a defesa da saúde da cidade e a defesa do trabalho. Em particular, numerosos trabalhadores petroquímicos e suas famílias reivindicaram abertamente a eficiência tecnológica das fábricas, acusando o presidente da Câmara (e os seus apoiantes) de presunção ao falar de uma situação que desconhecem e da qual fantasiam através de uma moda de ambientalismo. A esposa de um operário

1 O *steam cracker* constitui um primeiro nível de tratamento dos hidrocarbonetos, transformados em diferentes frações para uma vasta gama de usos e produções. Salvo indicação em contrário, esta e as seguintes traduções são minhas.

reagiu assim ao comentário daqueles que apoiaram a decisão do presidente da Câmara, que também foi considerada uma decisão para proteger os trabalhadores: “Como esposa de um empregado, digo-vos que aqueles que se encontram sob essas instalações são constantemente protegidos. A Versalis é uma grande família que controla cada passo dos seus empregados. Mas compreendo que aqueles que não vivem esta realidade só podem falar com base nas chamas que veem”.

Cerca de dez dias após a portaria, um jornal local publicou uma carta dirigida ao presidente da Câmara, intitulada *Basta con questa finta guerra* (Chega desta falsa guerra), assinada por: “I Lavoratori Eni Versalis” (Os trabalhadores da Eni Versalis).² A carta defendia a empresa “que colocou SEMPRE [*sic*] a proteção da segurança das pessoas e do ambiente na linha da frente”. Expressando o seu orgulho em pertencer à empresa, os trabalhadores descreveram a sua condição como a de “operários privilegiados e eticamente formados”. As suas competências profissionais estavam associadas a uma forte consciência cívica: “os protocolos rígidos e procedimentos vigorosos a que nos submetemos no interesse de todos não proibiam, contudo, que a chamada fábrica fosse uma forja de consciências e, de facto, como sabem, cultivava não só figuras profissionais invejáveis, mas também almas louváveis ricas em moralidade”.³ Tudo isto para contrariar a imagem negativa da fábrica petroquímica (“Aqueles que não nos conhecem pensam que estão a lidar com um *ecomostro*”)⁴ e para reivindicar, em vez disso, a imagem limpa e positiva (“dignidade e proteção da terra”) de uma fábrica considerada “a joia da química italiana”. Em tons decididamente mais conciliadores do que os utilizados por alguns sindicatos, a carta conclui com a esperança de que “esta falsa guerra entre operários e ambientalistas acabe de uma vez por todas”.

Este ensaio interroga a “falsa guerra entre operários e ambientalistas” como um dilema socioecológico, adotando uma perspetiva centrada na categoria de valor. A análise centrar-se-á na relação trabalho-ambiente tal como se manifesta num contexto, como uma cidade industrial do Sul da Itália, marcado por condições socioambientais problemáticas, em que as questões de saúde associadas à poluição industrial são agravadas por fragilidades socioeconómicas e crises recorrentes de emprego. A perspetiva aqui definida como “ecologias de valor” mobiliza diferentes abordagens teóricas para enquadrar os nexos entre valor, natureza e reprodução social (De Angelis 2007; Franquesa 2018;

2 O texto da carta está disponível em: < <http://www.brindisioggi.it/la-lettera-dei-lavoratori-versalis-alla-citta-basta-con-questa-finta-guerra/> > (última consulta em maio de 2023).

3 Referência implícita às doações feitas por trabalhadores do complexo petroquímico ao maior hospital da cidade durante a pandemia.

4 A palavra italiana *ecomostro* (literalmente: ecomonstro) é usada na linguagem jornalística para indicar grandes complexos incompatíveis com o ambiente e a paisagem, com particular referência ao impacto visual.

Kalb 2017; Martinez-Alier 2009; Narotzky e Besnier 2014; Moore 2015; Salleh 2017 [1997]; Skeggs 2014). Embora a noção de ecologias de valor não seja de todo nova,⁵ este artigo procura enquadrá-la numa abordagem que combina diferentes vertentes da crítica do valor com a antropologia dos valores (Graeber 2001), com o objetivo de articular uma análise do capitalismo como regime ecológico – ou seja, como forma de organizar a natureza (Moore 2015) – através da experiência histórica concreta do nexo trabalho-ambiente. Este nexo define-se, de forma geral, como nexo fundamental das relações metabólicas entre sociedade e ambiente e, dentro da forma-valor capitalista, como ponto nevrálgico da contradição subjacente entre necessidades humanas e lógicas da acumulação capitalista (Burkett 2014 [1999]). A perspectiva das ecologias de valor visa portanto abordar o nexo trabalho-ambiente como nível fundamental de articulação das contradições socioecológicas experienciadas (e de alguma forma conceitualizadas), na sua concreta manifestação histórica no contexto industrial do Sul da Itália ou, como é habitualmente designada esta parte do país, o Mezzogiorno.⁶ Além dos elementos caracterizadores do contexto analisado neste artigo, o nexo trabalho-ambiente, de uma forma geral, tem surgido como uma questão central no horizonte da transição energética em curso. Por esta razão, considero as reflexões aqui desenvolvidas como pontos estratégicos de partida para comparações mais alargadas.

TRABALHO E AMBIENTE

A necessidade de pôr fim, “de uma vez por todas”, à “falsa guerra entre operários e ambientalistas” fazia evidentemente parte de uma história de conflitos entre o mundo operário-sindical e uma frente ambientalista heterogénea que surgiu a partir dos anos 80, em paralelo com o início das grandes reestruturações industriais, particularmente intensas na área petroquímica de Brindisi. É a partir dessa década que a proteção do trabalho (entendida como garantia de salários) começou a absorver todo o horizonte das reivindicações sindicais. No exame da trajetória do ambientalismo local (Pusceddu 2020a), observei como esta passagem temporal teve um reflexo socioespacial no deslocamento

5 Gallagher e DiNovelli-Lang (2014), por exemplo, usam a fórmula “ecologias de valor” para apresentar um trabalho coletivo sobre a relação entre natureza, conhecimento e valor. Embora não desenvolvam a noção de ecologias de valor (mencionada apenas no título), o enfoque na dualidade do valor – “a incessante oscilação do valor entre desejo subjetivo e medição objetiva” – ressoa com os problemas desenvolvidos neste artigo.

6 O Mezzogiorno identifica, na sua variante mais definida, quatro regiões da Itália continental (Campânia, Apúlia, Basilicata, Calábria) e as duas grandes ilhas, Sicília e Sardenha. Sobre a posição peculiar, geralmente subalternizada e minorizada, do Mezzogiorno no processo de construção nacional (a dita Questão Meridional), bem como na percepção comum da diferença interna ao país, veja-se, entre muitas referências, Schneider (1998).

do conflito ambiental das relações de produção dentro da fábrica para as relações mais amplas de reprodução social fora da fábrica, ao ponto de redefinir o conflito ambiental como um dilema de interesses (ou mesmo um *trade-off*) entre “trabalho/fábrica” e “ambiente/cidade” (ou mesmo “saúde”). Portanto, o espaço alargado da reprodução social tornou-se, por um lado, o lugar de maturação e irradiação da contestação às grandes fábricas e, por outro lado, a realidade onde mais se repercutem as experiências contraditórias da fábrica como fonte de bem-estar e, ao mesmo tempo, de mal-estar (Curcio 2014). A reprodução social, enquanto “reprodução das condições de produção social na totalidade” (Harris e Young 1981), refere-se ao conjunto de práticas, concepções, relações e condições através das quais uma sociedade se reproduz ao longo do tempo; portanto, inclui todas as atividades necessárias para a reprodução da vida (desde o trabalho reprodutivo não pago às atividades geradoras de rendimentos), numa base diária e intergeracional (Katz 2001). No exame parcial do nexos trabalho-ambiente como um aspeto da reprodução social em Brindisi é importante, como sugere Narotzky (1997: 158), considerar “a forma como a realidade histórica concreta se encarna nos agentes através das identidades pessoais e coletivas”. O exemplo seguinte ilustra, por um lado, como o nexos trabalho-ambiente (nas suas dimensões materiais, simbólicas e ideológicas) é articulado no espaço público da cidade, quais os grupos que o articulam e de que forma; por outro lado, ilustra como o nexos trabalho-ambiente se expressa através de diferentes ecologias de valor, ou seja, através de articulações variadas (até polarizadas) do dilema socioecológico local, enquanto reflexo da tensão entre formas e regimes de valor diferentes, e de respostas a este dilema.

Em abril de 2014, sob uma leve chuva primaveril, dois grupos distintos estavam a manifestar-se diante das portas da central termoelétrica de Brindisi Norte, assim denominada para a distinguir da central Federico II, localizada mais a sul na localidade de Cerano. A central foi construída na década de 1960 pela companhia elétrica nacional Enel, pouco depois da nacionalização do sector energético em 1962. Inicialmente alimentada por fuelóleo, foi convertida a carvão em 1979, a seguir às crises petrolíferas. Segundo um acordo entre a Enel e a Câmara Municipal de Brindisi (cuja negociação incluía uma frente mais ampla de sujeitos, como as principais organizações sindicais), a central deveria ter sido desmantelada no final dos anos 90, após a entrada em operação da central de Cerano, cuja construção se iniciou nos anos 80.⁷ No entanto, as coisas correram de forma diferente. A central Brindisi Norte foi incluída no plano de privatização no início dos anos 2000 e adquirida pela

7 O objetivo do acordo, assinado em 1996, além de aliviar a carga industrial da cidade, era o de liberar as áreas adjacentes ao porto para o desenvolvimento da atividade portuária, em particular logística. A continuidade produtiva das duas centrais, portanto, limitou as atividades portuárias, na grande maioria subordinadas ao tráfego de carvão.

empresa Edipower, depois pelo grupo A2A. Em 2012, a central suspendeu a produção, na sequência dos efeitos da crise económica e financeira de 2008 no mercado da energia. Os cerca de 250 trabalhadores foram colocados em regime de *layoff*. Entretanto, a empresa tinha apresentado um novo plano industrial para converter a central a carvão à produção de energia a partir de resíduos. Os trabalhadores e os sindicatos esperavam uma avaliação positiva do projeto. Os grupos ambientalistas, pelo contrário, exigiram a sua rejeição e o desmantelamento definitivo da central. Os trabalhadores e ambientalistas eram, portanto, os dois grupos que estavam a manifestar-se em frente aos portões da central.

Assim, a imprensa local relatou essa dupla manifestação:

“em frente aos portões, as exigências dos operários e das associações ambientalistas. De um lado, a faixa dos operários. Do outro, a das associações ambientalistas. As exigências ligadas às questões do meio ambiente e do trabalho cruzaram-se em duas manifestações diferentes realizadas em frente aos portões da central Edipower [...], na zona industrial de Brindisi.”⁸

Operários e ambientalistas foram assim identificados como portadores de necessidades opostas: as do ambiente e as do trabalho. No entanto, a faixa dos operários e dos sindicatos afirmava que “o trabalho e o ambiente podem ser conciliados”. No seu comunicado, os sindicatos sublinharam que as tecnologias do novo plano industrial garantiriam a sustentabilidade ambiental do processo de produção. Os ambientalistas, pelo contrário, estavam menos dispostos ao compromisso com uma mensagem inequívoca: “encerrar e recuperar” (*chiudere e bonificare*).

O episódio relatado reproduz de uma forma bastante convencional e até estereotipada a representação do conflito entre trabalho e ambiente. Mais ou menos a mesma representação aludida no título interrogativo de um ensaio do historiador ambiental Richard White (1996): “Are you an environmentalist or do you work for a living?” Na verdade, foi precisamente a história ambiental que evidenciou a complexidade e a variedade das formas históricas através das quais o trabalho e o ambiente se constituem mutuamente; e como a classe, o género, a etnia e a “raça” mediaram a complexidade desta relação nas articulações desiguais (espaciais e sociais) do capitalismo (Barca 2014; Montrie 2008). Através do estudo das variações nas relações entre ambiente e trabalho nas sociedades industriais, a história ambiental também destacou o papel fundamental dos trabalhadores industriais na formação de sensibilidades ecológicas

8 “Edipower: davanti ai cancelli le istanze di operai e associazioni ambientaliste”, *Brindisireport*, 24 de abril de 2014, < <http://www.brindisireport.it/cronaca/proteste-Edipower-ambientalisti-lavoratori-Brindisi-ecoergite.html> > (acesso em 08/05/2023).

sobre a poluição atmosférica ou condições de trabalho pouco saudáveis (Barca 2012; Dewey 1998). A história ambiental é sem dúvida uma referência indispensável quando se olha para a “falsa guerra entre operários e ambientalistas”; contudo, é essencial esclarecer de que trabalho falamos, qual é a sua colocação social e de que forma passou a caracterizar a percepção da crise socioambiental.

O termo trabalho (*lavoro*), em italiano, engrossa tal quantidade de significados que o torna uma fonte persistente de ambiguidade (Pusceddu 2020b).⁹ Isto apesar de uma claramente definida geografia simbólica que coloca o trabalho assalariado (o “emprego”) no seu centro como trabalho por excelência. É precisamente neste sentido que é referido no episódio acima. Mas é também implicitamente um tipo de trabalho, o trabalho industrial, que tem gozado de um forte estatuto simbólico (sobretudo entre algumas gerações das classes trabalhadoras do Sul da Itália), de modo que os operários por excelência são os da indústria.¹⁰ Contudo, no dilema socioecológico de Brindisi, o trabalho industrial, embora persistindo como um emprego seguro (“privilegiado”, segundo a carta dos trabalhadores citada anteriormente), perdeu a centralidade social (“uma breve hegemonia”, segundo Campennì 2002) que tinha mantido durante algumas décadas, mesmo nas dimensões fragmentadas da experiência fordista no Mezzogiorno (Mingione 1991). A própria fábrica, de um lugar de emancipação coletiva e promoção social, tornou-se, além disso, um símbolo mortal da sociedade local (Curcio 2014; Ravenda 2018). É oportuno recordar algumas passagens que marcaram localmente, mas num quadro de transformações globais, a metamorfose dos operários e do “ambientalismo operário” (Barca 2019). Um momento-chave é representado pela reestruturação do sector petroquímico, no contexto da crise da química italiana, já sobrecarregada por problemas endógenos de sobredimensionamento, que explodiu durante e após os choques petrolíferos dos anos 70.

Já local de um modesto, mas significativo, núcleo de indústrias mecânicas (principalmente aeronáuticas) que surgiu durante o fascismo, desde os anos 60 Brindisi experimentou a rápida expansão de uma nova e extensa área industrial. Em poucos anos surgiu um dos maiores polos petroquímicos do país, a indústria farmacêutica, indústrias mecânicas e a primeira central termoelétrica (Brindisi Norte). Duas décadas depois, surgiu a segunda central termoelétrica, a carvão, Federico II (chamada, pelas grandes dimensões, *megacentrale*). Esta nova central – atualmente a maior em funcionamento em todo o país – tinha sido planeada em 1981 no Plano Nacional de Energia (PNE) e posta em função

9 Na maioria dos dialetos falados no do Sul da Itália, trabalho traduz-se com *fatia* (variante da região de Brindisi), cujo significado é mais correspondente a labutar, trabalhar duramente, com fadiga.

10 Sobre a trajetória italiana dos “colarinhos azuis”, ver Sangiovanni (2006). Um inquérito sobre os operários da nova indústria em Brindisi, no início dos anos 60 (Crespi 1964), detalha bem o imaginário operário industrial que alimentava o horizonte de expectativas dos primeiros petroquímicos, muitos deles de origem camponesa.

no início dos anos 90. A construção da central foi também uma medida “compensatória” da queda do emprego que se seguiu à crise e reestruturação do sector químico nacional, tornada particularmente problemática em Brindisi pela explosão do *cracking* na noite de 8 de dezembro de 1977, na qual morreram três operários. As consequências foram dramáticas: entre 1977 e 1983, 2000 trabalhadores diretos foram expulsos do processo produtivo, mais 1000 indiretos das empresas de manutenção e outros serviços.¹¹

Na sequência da escolha de Brindisi como local para uma segunda central termoelétrica, nos anos 80, abriram-se várias frentes de conflito: entre as autoridades locais, a Enel e o Estado central; entre apoiantes (partidos políticos, trabalhadores e sindicatos) e opositores do projeto, que formaram uma frente heterogénea, incluindo a igreja católica local, associações cívicas e ambientalistas (como Legambiente), grupos extraparlamentares de esquerda e o movimento antinuclear (Prato 1993). Assim que a construção começou, em meados dos anos 80, o conflito intensificou-se, levando ao primeiro confronto significativo entre trabalhadores industriais e grupos ambientalistas. Este poderia ser considerado o início da “guerra falsa entre operários e ambientalistas”; foi, sem dúvida, o início de fricções problemáticas.

É útil salientar que as fases de arranque da nova central foram marcadas por preocupações crescentes sobre os efeitos da grande indústria fóssil sobre a saúde da população. No final dos anos 80, Brindisi foi classificada pelas autoridades nacionais como “área de alto risco ambiental” (Portaluri 2012). Neste cenário, a disputa sobre a nova central termoelétrica tornou-se o principal campo de contestação das políticas energéticas assentes na grande produção industrial. Uma disputa que reproduzia as mesmas linhas de fratura do debate nacional e até internacional na sequência dos choques petrolíferos dos anos 70 (Nebbia 2015). Não é por acaso que, durante a última década (e mesmo antes da explosão mundial do “ativismo climático”), a palavra de ordem “não ao carvão” conseguiu unir diferentes formas de compromisso e militância, dando origem a uma importante época de ativismo ambiental (Ravenda 2018). No entanto, durante a década de 80, o consenso em torno do movimento de oposição nunca foi de molde a impedir o avanço de um novo ciclo industrial.¹² É interessante que alguns ativistas, retrospectivamente, tenham lido esta derrota do movimento ambiental recorrendo ao argumento da “chantagem ocupacional” (Ravenda

11 Os despedimentos estiveram na origem de um duro conflito entre os operários e a empresa, que levou à ocupação da fábrica em 1981. Finalmente, com a complexa mediação de várias instituições do Estado, chegou-se a um bom acordo, que combinava medidas de requalificação e reformas antecipadas (Ostuni 2021). A principal consequência de médio e longo prazo foi a considerável redução das oportunidades de emprego no sector petroquímico.

12 A este respeito, é significativo que o referendo sobre a construção da central termoelétrica em 1987, nas províncias de Lecce e Brindisi, tenha registado uma afluência muito baixa precisamente na cidade de Brindisi.

2018: 65-66).¹³ Num contexto marcado pela redução substancial de oportunidades de emprego no sector petroquímico e por taxas de desemprego estruturalmente elevadas, a esperança de um novo ciclo industrial e a criação de novos empregos teria contribuído a desarmar, pelo menos na perceção comum,¹⁴ o risco ambiental implícito na aceitação de uma nova central a carvão. Trabalhadores e sindicatos tinham apoiado o novo plano industrial, que representava uma estratégia temporária no processo de recuperação a longo prazo da economia local, para o qual era fundamental preservar a produção industrial (e os empregos). As condições socioeconómicas que tornaram possível a aceitação da nova central são assim indicadas como a origem do dilema socioecológico expresso pela “chantagem ocupacional” (ver também Curcio 2014).

A partir deste momento, operários e ambientalistas tornam-se, tanto na prática como no senso comum, os dois polos de perspectivas divergentes sobre a relação entre trabalho, ambiente e indústria; tornam-se expressão daquilo a que, na perspetiva delineada neste capítulo, chamo ecologias de valor, que identificam experiências, posições e respostas divergentes ao mesmo dilema socioecológico.

ECOLOGIAS DE VALOR

A definição das ecologias de valor assenta na tentativa de operacionalizar na análise empírica um conjunto de pistas teóricas oriundas de duas vertentes da crítica do valor: a ecomarxista e a feminista. A estas devemos, segundo Collins (2017), a principal expansão da teoria do valor através da inclusão da “natureza” e do “trabalho reprodutivo” na compreensão dos processos de apropriação capitalista e de formação de valor. O ecomarxismo tem insistido nas implicações ecológicas da contradição entre valor de uso e valor de troca (Burkett 2014 [1999]; Foster e Clark 2018); o domínio da forma valor capitalista na mediação das relações metabólicas entre sociedades humanas e natureza extra-humana é assim colocado no centro daquela contradição fundamental. A crítica feminista, questionando a separação entre produção e reprodução, tem, em vez disso, desvirtuado o esquema da produção como local privilegiado de formação de valor, deslocando a atenção para o cone sombra do trabalho

13 A noção de “chantagem ocupacional” (*ricatto occupazionale* em italiano, equivalente ao *job blackmail* no mundo anglófono) define uma situação caracterizada pela aceitação de condições desfavorecidas em troca de empregos mais ou menos garantidos. Neste artigo é utilizada como categoria do senso comum que expressa a perceção das desigualdades e assimetrias de poder que tem marcado a trajetória industrial da cidade.

14 Na realidade, o *backlash* de desemprego depois do fim das obras de construção da central, no início dos anos 90, foi substancial e apenas parcialmente reabsorvido por novas medidas de *workfare*, como os ditos “empregos socialmente úteis” (Pusceddu 2020b). O censo nacional de 1991 registava uma taxa de desemprego de 30,5% na cidade e de 30,1% na província, três vezes a média nacional (ISTAT 1991).

assalariado, a começar pelo trabalho doméstico não remunerado (Caffentzis 2013; Collins e Gimenez 1990; Federici 2012; Mies 1986); ou, segundo a formulação da socióloga ecofeminista Ariel Salleh (2010: 212), o “trabalho metaindustrial”. Este é uma componente decisiva dos processos de reprodução social, constituído por um conjunto de atividades que não estão diretamente envolvidas nos processos produtivos (pelo contrário, são marginalizadas como improdutivas) mas são “essenciais” para sustentar a reprodução da vida e a sua integridade ecológica (como a recente pandemia veio demonstrar).

A reflexão desenvolvida em torno da relação entre a forma-valor capitalista e as diferentes configurações dos valores morais e culturais (Collins 2017; De Angelis 2007; Graeber 2001; Narotzky e Besnier 2014; Skeggs 2014) tem destacado a tensão entre circuitos, regimes e formas diferentes do(s) valor(es). Esta tensão constitutiva do valor, bem como as dinâmicas intrínsecas de valorização e desvalorização, permite pensar a articulação das diferentes escalas, geografias e moralidades que moldam a experiência histórica do desenvolvimento capitalista (Kalb 2017). Apesar da distinção entre valor económico e valores morais e culturais, em si problemática (Graeber 2001), aqui é essencial destacar o “entrelaçamento” do(s) valor(es) na sua manifestação histórico-fenomenológica, e como esta complexa configuração é também constitutiva de práticas e conceções da relação humano-ambiente (o metabolismo social), que, como tal, é sempre mediada por alguma forma de valor.

O problema que as ecologias de valor nos permitem colocar, ao examinar a relação trabalho-ambiente (e o conflito entre operários e ambientalistas), diz assim respeito às formas práticas e simbólicas da mediação humano-ambiente, ou seja, à forma concreta que as relações socioecológicas assumem num contexto específico do capitalismo contemporâneo. Uma questão-chave a interrogar é se as práticas que partilham o mesmo horizonte socioecológico e cultural, apesar de posicionamentos diferentes em relação à perceção do nexos trabalho-ambiente (assim como se concretiza nesta cidade industrial), podem negociar um horizonte comum para pôr fim à “falsa guerra”, “*mending the breach*” entre trabalho e natureza, como sugerem Uzzel e Rãthzel (2013); ou seja, como as fricções são efetivamente reconciliáveis num horizonte de reconhecimento mútuo (Gibson-Graham 2006). Voltarei a este ponto nas conclusões. É agora necessário completar a ilustração das ecologias de valor, voltando brevemente às fricções entre operários e ambientalistas em relação à central termoeétrica de Brindisi Norte.

Um ano após a manifestação, a situação tinha-se mantido inalterada. Entretanto, eu tinha tido a oportunidade de conhecer e entrevistar Cosimo, um técnico da central, então com mais de 50 anos,¹⁵ que corria o risco de ser transferido para outra região se o plano de reconversão industrial fosse rejeitado.

15 Entrevista realizada em setembro de 2015.

Criado numa família operária, Cosimo trabalhou na mesma central termoeétrica onde o seu pai tinha trabalhado até à sua morte, devido a cancro do estômago, com apenas 50 anos de idade. Segundo Cosimo, o projeto de conversão da central num projeto de geração de energia através de resíduos sólidos era a melhor opção para salvaguardar os postos de trabalho e o ambiente. Ele estava confiante de que as tecnologias disponíveis ofereciam elevados padrões de segurança e que, ao mesmo tempo, o projeto seria a solução para o problema recorrente da eliminação de resíduos.¹⁶ No entanto, ficou bastante desapontado com a falta de compreensão na cidade e com os receios “infundados” de reativação da central. Ressentiu-se da “propaganda ambientalista” por divulgar informações distorcidas sobre todo o projeto, suscitando atitudes suspeitas em relação aos trabalhadores, que eram tratados – na sua opinião – “como transmissores de peste (*untori*)”. A opinião de Cosimo sobre os benefícios das novas tecnologias e a falta de conhecimentos adequados entre os ambientalistas era partilhada por muitos outros trabalhadores e líderes sindicais que entrevistei. Embora reconhecendo o impacto prejudicial das atividades industriais no passado – especialmente nos primeiros anos de funcionamento das fábricas petroquímicas –, não tinham dúvidas sobre a defesa das estruturas industriais como a espinha dorsal da economia local e do seu futuro. Evidentemente, esta avaliação era também influenciada por preocupações pessoais sobre a dificuldade de realizar planos de vida e aspirações familiares (desde a hipoteca da casa até à educação dos filhos), em caso de perda ou redução de empregos. Segundo os quadros de avaliação dos trabalhadores, as inovações tecnológicas no processo de produção eram tidas como fundamentais para uma mediação razoável (e moralmente compatível) entre a indústria e o ambiente.

Lorenzo, um ativista do movimento “Não ao Carvão” (NAC), foi um dos meus primeiros contactos em Brindisi. Para me apresentar à problemática situação ambiental da cidade, em janeiro de 2015 guiou-me numa visita pela extensa zona industrial.¹⁷ A visita guiada replicava o “Veleni Tour” organizado pelo movimento no passado recente.¹⁸ A excursão começou nas docas do cais

16 Uma questão particularmente sentida em Brindisi, então; alguns meses depois, em fevereiro de 2016, o presidente da câmara foi preso justamente por um caso de subornos ligados a contratos de gestão do lixo.

17 O episódio aqui referido ocorreu durante uma curta estadia-piloto, em janeiro de 2015. O trabalho mais extenso desta primeira fase (15 meses no total) começou em maio do mesmo ano. Iniciei a refletir sobre esse “primeiro contacto” à luz de todo este primeiro longo período da pesquisa de terreno.

18 O primeiro *tour* tinha sido organizado poucos meses antes, em novembro de 2014. Para mais informações, consultar as páginas relevantes no blogue do movimento: < <http://noalcarbobreindisi.blogspot.com/search/label/VELENI%20TOUR> >. O Veleni Tour adotou o modelo do *toxic tourism*, já difundido entre os movimentos estadunidenses pela justiça ambiental (Pezzullo 2003). A palavra *veleni* quer dizer “venenos”, mas alude também à presença da multinacional italiana Eni (um jogo de palavra frequentemente representando com “veLENI”), que controla a principal empresa petroquímica em Brindisi.

no porto industrial e terminou à beira-mar, entre a central termoelétrica e o lido Cerano, uma praia renomada do litoral. O percurso incluía várias estações intermédias; primeiro, a central Brindisi Norte, “uma velha cafeteira”, segundo Lorenzo, cuja desativação definitiva o movimento exigia; depois, várias paragens em torno da área petroquímica, incluindo um aterro de resíduos tóxicos de 40 hectares, entre o mar e o recinto industrial. Parte do percurso seguia a correia transportadora de 15 quilómetros, construída para transportar o carvão do porto para a nova central. Nos arredores da central de Cerano, visitámos uma família de combativos agricultores, envolvidos no julgamento contra 13 altos dirigentes da empresa elétrica, acusados de “atirar coisas perigosas, danificar culturas e sujar habitações” ao longo da correia transportadora que abastece a central. O apoio do movimento ambientalista aos agricultores durante o dito “julgamento Enel” (Ravenda 2018: 105-111) deu continuidade à histórica aliança entre ambientalistas e agricultores que se opunham à construção da central já desde os anos 80. Para o movimento, os agricultores representavam os defensores da “natural vocação económica” da região, marginalizados pela imposição de indústrias pesadas. Nesta perspetiva, o processo de industrialização tinha produzido uma verdadeira “ocupação da terra” e a apropriação instrumental dos recursos naturais e sociais, com a consequente desvalorização da terra e das pessoas, com a terra ocupada pelas fábricas e os camponeses transformados em “operários”; segundo esta visão, aquele tipo de industrialização pesada tinha essencialmente distorcido as relações socioecológicas, colocando o lucro industrial no centro da mediação humano-ambiente.

Lorenzo, então um jovem de 30 anos que tinha passado algum tempo longe de Brindisi, combinava o seu compromisso ambientalista com a participação ativa numa cooperativa (da qual foi fundador) com o objetivo de impulsionar várias formas de turismo sustentável, verdadeiro contraponto ético à *tour* dos venenos. Como muitos outros em Brindisi, considerava a industrialização um fracasso socioambiental, alegando a necessidade de economias e narrativas alternativas.¹⁹ O movimento tinha uma composição social heterogênea, em grande parte trabalhadores de serviços, professores do ensino secundário, trabalhadores autónomos, estudantes, sem que faltassem operários da indústria, ou seja um amplo espectro de figuras sociais que representavam a metamorfose da classe trabalhadora local (Pusceddu 2022). Longe do (e muitas vezes contra o) ambientalismo dominante ou *mainstream* (frequentemente identificado com organizações mais institucionais como Legambiente), o movimento era expressão de novas reivindicações e sensibilidades que apelavam à necessidade de recuperar o precário equilíbrio socioecológico da cidade, mobilizando

19 A categoria “fracasso” (*fallimento*) faz parte do esquema interpretativo local do processo de industrialização, que na verdade reproduz aspetos de uma visão mais geral do “fracasso” da industrialização do Sul (Pusceddu 2022).

localmente o discurso da justiça ambiental – a ideia de que os custos da poluição industrial são distribuídos de forma desigual e injusta, sobrecarregando populações e regiões mais desfavorecidas e marginalizadas.²⁰ Na perspectiva aqui delineada, Cosimo e Lorenzo²¹ representam duas articulações diferentes das ecologias de valor, que expressam respostas diferentes ao dilema socioecológico da cidade em relação aonexo trabalho-ambiente. Deste dilema (geralmente expresso sob a forma da “chantagem ocupacional”) é necessário traçar uma genealogia concisa, necessária para situar as ecologias de valor no campo das contradições que operam na crise socioecológica local.

UMA PEDRA NA LAGOA

No dia 8 de março de 1959, na presença do então chefe do governo Antonio Segni, teve lugar a cerimónia de lançamento da primeira pedra da fábrica petroquímica em Brindisi. A empresa Montecatini tinha identificado a área de desenvolvimento industrial recém-nascida como um local adequado para a construção do que viria a ser o maior complexo petroquímico italiano, destinado à produção em grande escala de polímeros. A área escolhida, ao longo da costa sul, tinha uma extensão correspondente ao quádruplo da cidade. O gigantesco projeto industrial enquadrava-se na “extraordinária intervenção” do Estado para o desenvolvimento industrial das regiões do Sul, coordenado e gerido pela Cassa per il Mezzogiorno, uma agência pública que tinha sido especificamente criada para o efeito em 1950. A empresa privada Montecatini era há muito monopolista no sector químico e tinha já uma fábrica de adubos em Brindisi. Este grande projeto industrial marcava a sua expansão no sector e no mercado petroquímico. Para a sua realização, que teve custos enormes para a época, a empresa beneficiou dos apoios financeiros do Estado, especificamente criados, a partir de 1957, para a industrialização direta do Sul do país (Barbagallo 2013; Pirro 1983). A fábrica petroquímica deveria tornar-se o pilar do polo de desenvolvimento, concebido como o epicentro da transformação do tecido social e económico da região envolvente; a nova fábrica foi assim identificada como um fator-chave no processo de modernização. Antonio Segni foi um porta-voz desta visão, no seu discurso durante a cerimónia de colocação da pedra de fundação, descrevendo a fábrica petroquímica como

20 A “justiça ambiental” é um conceito inicialmente mobilizado pelo Environmental Justice Movement nos EUA nos anos 80 em defesa das comunidades afro-americanas expostas a toxicidades industriais, sendo, neste sentido, um movimento contra o “racismo ambiental”. Posteriormente, sobretudo nas últimas décadas, a justiça ambiental tornou-se uma palavra-chave dos movimentos ambientalistas a nível global, ressoando, a nível local e de forma diversificada, em numerosos conflitos ambientais (Martinez-Alier 2023).

21 Essas são duas perspectivas igualmente informadas pelas colocações de género; para uma discussão sobre esse aspeto, remeto a Pusceddu (2020a).

“uma pedra atirada para uma lagoa que terá de se expandir em círculos de prosperidade” (Russo 1964). A condição da sociedade e economia de Brindisi (mas a analogia é válida para todo o Mezzogiorno) foi equiparada às águas paradas de uma lagoa, que apenas um acontecimento de rutura, como a construção de uma grande instalação industrial, seria capaz de mover. Este foi, afinal, o esquema que orientou a transição da primeira fase de intervenção extraordinária, a da criação das condições infraestruturais para favorecer um desenvolvimento endógeno gradual, para a segunda fase, a da industrialização direta e exógena, como fator de rutura da suposta imobilidade socioeconômica do Mezzogiorno.

Se na perspectiva da Montecatini a fábrica petroquímica de Brindisi representou a grande aposta para escapar ao seu declínio,²² a construção da enorme fábrica no contexto do planeamento público respondeu a outra grande necessidade, nomeadamente a absorção da enorme massa de força de trabalho excedentária (“o antigo problema da economia italiana”, segundo o economista Augusto Graziani 1998: 10), que já tinha sido parcialmente canalizada, através dos grandes fluxos de migração interna, para os centros industriais do Norte (Ginsborg 1990: 210-233). A indústria petroquímica, neste sentido, gerou horizontes de expectativas salariais, geridas e reguladas pelas redes de “mediadores” locais do partido no poder, a Democracia Cristã (Gribaudi 1980), típicas figuras de *brokers*. Daí a identificação da fábrica petroquímica como “fábrica de recomendações”, frequentemente referida pelos antigos trabalhadores e que, em geral, reflete uma perceção comum em volta donexo entre indústria e poder no contexto local.²³ Na empresa industrial de Brindisi (como em grande parte do Mezzogiorno) conciliaram-se, portanto, duas grandes necessidades: a do capital, o grande monopólio químico, favorecido por investimentos facilitados e um custo do trabalho entre os mais baixos do país, graças ao sistema de zonas salariais;²⁴ a do Estado (e do poder democrata-cristão), que visava a

22 Nesse sentido, a construção do polo petroquímico de Brindisi, marcada por erros de projeto e construção, revelou-se um clamoroso fracasso, recuperado apenas pela intervenção da empresa de eletricidade Edison, que em 1966, fortalecida pelas compensações obtidas da nacionalização do sector energético (1962), daria vida à Montedison.

23 Refiro-me aqui a conversas e entrevistas com ex-operários da petroquímica, contratados entre 1962 e 1963. Para além do salário como fator de estabilidade, para o qual o emprego em Montecatini garantia no dialeto local *lu pani sicuru* (“a certeza do pão”), é de referir que os salários da petroquímica eram, numa primeira fase, relativamente modestos, em parte devido ao sistema de zonas salariais (abolidas em 1969; veja-se a nota a seguir), em parte devido às baixas categorias profissionais com as quais os trabalhadores eram contratados. Não é por acaso que essas duas questões estiveram no centro do conflito operário durante a década de 1960 (Bianchi 1979). Sobre a ideia difusa da “recomendação” como prática clientelar, ver Zinn (2019).

24 As chamadas “gaiolas salariais” (*gabbie salariali*) consistiam num sistema indexado de determinação salarial com base em parâmetros como o custo de vida, que correspondiam a diferentes zonas salariais (0-6, em 1961). Na década de 60, Brindisi pertencia à última zona, aquela com os salários mais baixos.

criação controlada de um proletariado industrial, sob a proteção e garantia do poder político (Pirro 1983).

A imagem da lagoa é útil para problematizar um aspeto-chave da relação entre natureza e capital no Mezzogiorno. Muitas vezes popularizada nos noticiários da época como uma rutura do imobilismo secular, a industrialização no Sul rompeu equilíbrios bastante diferentes através da apropriação da natureza e de força de trabalho “barata” (Moore 2015). Adotando as categorias do geógrafo Gidwani (2012), poder-se-ia dizer que a qualificação da natureza e do trabalho no Mezzogiorno como “desperdício” (*waste*, no sentido de “recurso não utilizado”), como antítese relacional de valor capitalista, teria estabelecido as condições para a sua apropriação e “valorização”. A ambiguidade da fórmula de valorização não deve ser descurada, o que na lógica da valorização implica tanto uma nova escala de integração nos circuitos de acumulação capitalista, como a produção de novas hierarquias morais de valorização, que investem espaço, força de trabalho e reprodução social como um todo. O processo de valorização produz constantemente o seu oposto, ou seja, a desvalorização; o “fracasso” do processo industrial em satisfazer as expectativas de emprego é assim medido no crescimento de excedentes de força de trabalho e na degradação ambiental.

O crescimento demográfico de Brindisi, que foi quase constante até aos anos 90,²⁵ em parte devido à dinâmica de urbanização à escala territorial, mas também em parte devido ao processo de polarização industrial, intensificou o desequilíbrio entre a força de trabalho excedentária e a capacidade de absorção pela economia industrial. Além disso, a expansão industrial não foi acompanhada pelo desenvolvimento de um sector terciário avançado; um facto que, por um lado, fez de Brindisi a articulação periférica de estratégias industriais mais amplas, por outro lado contribuiu para o crescimento considerável de um sector terciário de baixa qualidade (ou de baixo valor acrescentado), com condições de trabalho precárias e mal remuneradas, um traço comum às economias do Sul (ver Mingione 1991). A crise petrolífera dos anos 70 e a subsequente reestruturação (entre redução de efetivos e inovações tecnológicas) limitaram ainda mais as oportunidades de emprego no sector industrial, que se foi reduzindo a um núcleo de trabalhadores diretos “privilegiados” e a um conjunto de trabalhadores precários, principalmente no sector mecânico, ligado a cadeias de subcontratação no sector da manutenção. É neste contexto, com a decisão de construir a nova central nos anos 80, que o conflito entre operários e ambientalistas tomou a forma acima referida; um conflito hoje alimentado pela incerteza sobre o futuro do sector industrial²⁶ e pela percepção cada vez

25 De 1951 a 1991, a cidade cresceu de 58.313 para 95.383 habitantes. A população registada no dia 31 de dezembro de 2021 é de 83.317 habitantes (*in* Istituto Nazionale di Statistica – ISTAT: < <https://www.istat.it/statistiche-per-temi/censimenti/> >).

26 A incerteza de alguns sectores-chave (petroquímico, energético, mecânico) preocupa as perspetivas de médio prazo devido à ausência de investimentos adequados e planos de reconversões. [continua]

mais generalizada do nexo entre saúde e poluição industrial (Ravenda 2018), em parte sustentada por provas científicas (Forastiere *et al.* 2017; Mangia, Cervino e Gianicolo 2015), mas em grande parte alimentado por um longo e trágico “inventário íntimo” (Vasudevan 2021) de toxicidade, doença e morte.

CONCLUSÕES

O caso de Brindisi deve evidentemente ser colocado num cenário mais amplo, no qual a reconversão dos sectores da economia diretamente ligados à produção de derivados do petróleo desempenha um papel fundamental (também pelas suas implicações socioeconómicas). Não é difícil encontrar numerosos outros casos análogos, em Itália e no resto do mundo, a fim de compreender como o problema examinado neste ensaio não pode deixar de ser colocado dentro de uma perspectiva multiescalar; as posições e situações aqui examinadas participam em processos e dilemas que transcendem a dinâmica local, nomeadamente as mudanças sistémicas na economia global a as reconfigurações ideológicas e sociais que contribuem a moldar a perceção da crise socioecológica. Ao mesmo tempo, de acordo com Lawhon e McCreary (2020), não podemos ignorar como as formas do discurso dicotómico da oposição trabalho-ambiente são contextuais e devem ser lidas dentro das relações que se produzem naqueles contextos. No caso aqui analisado, como foi ilustrado, o nexo trabalho-ambiente deve ser lido em relação a duas condições importantes: primeiro, a erosão, por razões estruturais, da economia industrial como horizonte de emprego; segundo, a emergência, na esfera pública, de um discurso aberto sobre as questões ambientais e sanitárias da cidade. Esta última, além disso, encontra importantes articulações com o tornar-se senso comum da crise ecológica global, juntamente com uma maior recetividade que vai ao encontro da ideia de justiça ambiental. Neste cenário, operários e ambientalistas tornam-se elementos contrastivos (mais ainda do que as figuras sociais que lhes corresponderiam) de um discurso que simplifica a complexidade de uma situação caracterizada por necessidades materiais e morais diversificadas, inscrita numa problemática crise socioambiental. As duas trajetórias de Cosimo e Lorenzo, com as quais ilustrei as ecologias de valor, apesar da possível representatividade de posições contrastantes, são indicativas de uma continuidade de preocupações entre as duas polaridades representadas por operários e ambientalistas. Face à aparente antinomia das suas avaliações, ambas as ecologias de valor respondem ao mesmo dilema socioecológico, dentro de um campo de forças que transcende a escala da cidade; ambas são complicadas pela tensão entre

[continuação] O sector da energia merece uma discussão à parte, cujo futuro parece agora ligado às novas infraestruturas transnacionais de transporte de gás, como o Trans Adriatic Pipeline (parte do europeu Corredor Sul do Gás), cuja ligação à rede nacional está localizada nos arredores de Brindisi.

diferentes formas de valorização; pela diversidade de experiências geradas pelo seu posicionamento no campo local.

O discurso contrastivo trabalho-ambiente é uma expressão dessa tensão, mas também um sintoma problemático da dificuldade de superá-la, tanto na dimensão material quanto na simbólica. Com efeito, parece claro como as respostas ao dilema socioecológico são indissociáveis da modificação dos campos de força e dos imaginários coletivos, que se articulam de forma problemática com as situações descritas, em que as estruturas do poder econômico industrial desempenham um papel decisivo. O caso aqui examinado confirma o quanto trabalho e ambiente se constituem mutuamente (ao nível material e simbólico) e como a questão socioambiental se manifesta como um conflito sobre os vínculos de valor que definem a mesma relação trabalho-ambiente. Este dilema de valoração desdobra-se em múltiplos cenários de transformação do trabalho, dos quais a “chantagem ocupacional” representa um importante indicador, como veículo semântico das dinâmicas estruturais que moldam o discurso de contraposição entre trabalho e ambiente, que é expressa (em sentido fortemente ideológico) no conflito entre operários e ambientalistas. Os operários como portadores de uma visão que assenta na avaliação da dimensão tecnológica dos processos produtivos, capaz de garantir a continuidade da economia industrial e a proteção do meio ambiente. Os ambientalistas, como expressão da necessidade de repensar o nexa trabalho-ambiente para além dos imperativos produtivos, através de uma profunda reconversão da economia local, capaz de sanar a fratura entre os processos produtivos e as necessidades reprodutivas (Salleh 2010). A possibilidade de resgatar os atritos entre diferentes visões e experiências do nexa trabalho-ambiente representa, portanto, um ponto-chave para a emergência de uma visão comum e compartilhada diante de uma ordem de relações socioecológicas caracterizada pela apropriação capitalística do ambiente e da reprodução social como um todo.

Este ensaio procurou enquadrar estas tensões na perspectiva das ecologias de valor, que responde à necessidade de desenvolver categorias capazes de operacionalizar, ao nível da análise etnográfica, ferramentas conceptuais úteis para a compreensão das dinâmicas socioecológicas globais. Nesse sentido, as ecologias de valor traçam um horizonte de análise e uma perspectiva de articulação das contradições que atuam sobre as expectativas, os anseios e as necessidades de uma realidade industrial do Sul, mas que se abrem ao diálogo com as complexas trajetórias da transição contemporânea.

BIBLIOGRAFIA

- BARBAGALLO, Francesco, 2013, *La Questione Italiana: Il Nord e il Sud dal 1860 a Oggi*. Roma: Laterza.
- BARCA, Stefania, 2012, "Bread and poison: stories of labor environmentalism in Italy, 1968-1998", in Christopher Sellers e Joseph Melling (orgs.), *Dangerous Trade: Histories of Industrial Hazard across a Global World*. Filadélfia, PA: Temple University Press, 126-139.
- BARCA, Stefania, 2014, "Laboring the earth: transnational reflections on the environmental history of work", *Environmental History*, 19: 3-27.
- BARCA, Stefania, 2019, "Labour and the ecological crisis: the eco-modernist dilemma in western Marxism(s) (1970s-2000s)", *Geoforum*, 98: 226-235.
- BIANCHI, Ornella, 1979, *Sviluppo Industriale e Lotte Operaie in Puglia: Gli Anni del Centro-Sinistra (1963-1969)*. Roma: Bulzoni.
- BURKETT, Paul, 2014 [1999], *Marx and Nature: A Red and Green Perspective*. Chicago, IL: Haymarket.
- CAFFENTZIS, George, 2013, "On the notion of a crisis of social reproduction: a theoretical review", *Letters of Blood and Fire: Work, Machines, and the Crisis of Capitalism*. Oakland, CA: PM Press, 252-282.
- CAMPENNI, Antonino, 2002, *L'Egemonia Breve: La Parabola del Salariato di Fabbrica a Crotona*. Rubbettino: Soveria Mannelli.
- COLLINS, Jane L., 2017, *The Politics of Value: Three Movements to Change How We Think about the Economy*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.
- COLLINS, Jane L., e Martha GIMENEZ (orgs.), 1990, *Work without Wages: Domestic Labor and Self-Employment within Capitalism*. Albany, NY: SUNY Press.
- CRESPI, Franco, 1964, *Adattamento e Integrazione: Analisi Sociologica di Alcuni Aspetti del Processo di Industrializzazione in un'Area del Mezzogiorno*. Milão: Giuffrè.
- CURCIO, Renato, 2014, *Il Pane e la Morte: Lo Scambio Salute-Lavoro nel Polo Industriale Brindisino*. Roma: Sensibili alle Foglie.
- DE ANGELIS, Massimo, 2007, *The Beginning of History: Value Struggles and Global Capital*. Londres Pluto Press.
- DEWEY, Scott H., 1998, "Working for the environment: organized labor and the origins of environmentalism in the United States, 1948-1970", *Environmental History*, 3 (1): 45-63.
- FEDERICI, Silvia, 2012, *Revolution at Point Zero: Household, Reproduction and Feminist Struggle*. Nova Iorque: PM Press.
- FORASTIERE, Francesco, et al., 2017, *Studio di Coorte sugli Effetti delle Esposizioni Ambientali sulla Mortalità e Morbosità della Popolazione Residente a Brindisi e nei Comuni Limitrofi*. Puglia: Centro Salute Ambiente. Disponível em: < <http://bal.lazio.it/wp-content/uploads/2017/08/Rapporto-Studio-Coorte-Brindisi-040717.pdf> > (última consulta em fevereiro de 2025).
- FOSTER, John Bellamy, e Brett CLARK, 2018, "The robbery of nature: capitalism and the metabolic rift", *Monthly Review*, 70 (3): 1-20.
- FRANQUESA, Jaume, 2018, *Power Struggles: Dignity, Value, and the Renewable Energy Frontier in Spain*. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- GALLAGHER, Patrick, e Danielle DINOVELLI-LANG, 2014, "Introduction: nature and knowledge-contemporary ecologies of value", *Environment and Society – Advances in Research*, 5: 1-6.

- GIBSON-GRAHAM, J. K., 2006, *A Postcapitalist Politics*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- GIDWANI, Vinay, 2012, “Waste/value”, in Trevor J. Barnes, Jamie Peck and Eric Sheppard (orgs.), *The Wiley-Blackwell Companion to Economic Geography*. Londres: Wiley-Blackwell, 275-288.
- GINSBORG, Paul, 1990, *A History of Contemporary Italy, 1943-1980*. Londres: Penguin.
- GRAEBER, David, 2001, *Toward an Anthropological Theory of Value: The False Coin of Our Dreams*. Londres: Palgrave.
- GRAZIANI, Augusto, 1998, *Lo Sviluppo dell’Economia Italiana*. Turim: Bollati Boringhieri.
- GRIBAUDI, Gabriella, 1980, *Mediatori: Antropologia del Potere Democristiano nel Mezzogiorno*. Turim: Rosenberg & Sellier.
- HARRIS, Olivia, e Kate YOUNG, 1981, “Engendered structures: some problems in the analysis of reproduction”, in Joel S. Kahn e Josep R. Llobera (orgs.), *The Anthropology of Pre-Capitalist Societies*. Londres: Redglobe Press, 109-147.
- ISTAT, 1991, *Censimento Generale della Popolazione e delle Abitazioni*. Roma: Istituto Nazionale di Statistica.
- KALB, Don, 2017, “Regimes of value and worthlessness: how two subaltern stories speak”, in Susana Narotzky e Victoria A. Goddard (orgs.), *Work and Livelihoods: History, Ethnography and Models in Times of Crisis*. Londres: Routledge, 123-136.
- KATZ, Cindi, 2001, “Vagabond capitalism and the necessity of social reproduction”, *Antipode*, 33 (4): 709-728.
- LAWHON, Mary, Tyler MCCREARY, 2020, “Beyond jobs vs environment: on the potential of universal basic income to reconfigure environmental politics”, *Antipode*, 52 (2): 452-474.
- MANGIA, Cristina, Marco CERVINO, e Emilio GIANICOLO, 2015, “Secondary particulate matter originating from an industrial source and its impact on population health”, *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 12 (7): 7667-7681.
- MARTINEZ-ALIER, Joan, 2009, “Social metabolism, ecological distribution conflicts, and languages of valuation”, *Capitalism Nature Socialism*, 20 (1): 58-87.
- MARTINEZ-ALIER, Joan, 2023, “Environmental conflicts and the making of world movements for environmental justice”, *Economia Politica*, 40: 765-779.
- MIES, Maria, 1986, *Patriarchy and Accumulation on a World Scale: Women in the International Division of Labour*. Londres: Zed.
- MINGIONE, Enzo, 1991, *Fragmented Societies: A Sociology of Economic Life beyond the Market Paradigm*. Oxford: Basil Blackwell.
- MONTRIE, Chad, 2008, *Making a Living: Work and Environment in the United States*. Chapel Hill, CA: The University of Carolina Press.
- MOORE, Jason W., 2015, *Capitalism in the Web of Life: Ecology and the Accumulation of Capital*. Londres: Verso.
- NAROTZKY, Susana, 1997, *New Directions in Economic Anthropology*. Londres: Pluto.
- NAROTZKY, Susana, e Niko BESNIER, 2014, “Crisis, value, and hope: rethinking the economy”, *Current Anthropology*, 55 (S9): S4-S16.
- NEBBIA, Giorgio, 2015, *La Contestazione Ecologica: Storia, Cronache e Narrazioni*. Nápoles: La Scuola di Pitagora Editrice.
- OSTUNI, Andrea, 2021, “La vertenza Brindisi: relazioni industriali e gestione dell’ “emergenza chimica” in un polo di sviluppo del Mezzogiorno (1977-1985)”, *Imprese e Storia*, 44: 111-139.

- PEZZULLO, Phaedra C., 2003, "Touring "cancer alley" Louisiana: performances of community and memory for environmental justice", *Text and Performance Quarterly*, 23 (3): 226-252.
- PIRRO, Federico, 1983, *Il Laboratorio di Aldo Moro*. Bari: Dedalo.
- PORTALURI, Maurizio, 2012, *Situazione Ambientale a Brindisi e Territorio Provinciale*, Audizione, Consiglio Regionale Puglia, V Commissione Consiliare, Bari, 20 de setembro de 2012. Disponível em <<https://app.box.com/embed/s/ay35czuldyuw0qn48963/file/3262754981>> (última consulta em fevereiro de 2025).
- PRATO, Giuliana B., 1993, "Political decision-making: environmentalism, ethics and popular participation in Italy", in Kay Milton (org.), *Environmentalism: The View from Anthropology*. Londres: Routledge, 173-186.
- PUSCEDDU, Antonio Maria, 2020a, "Grassroots ecologies of value: environmental conflict and social reproduction in Southern Italy", *Antipode*, 52 (3): 847-866.
- PUSCEDDU, Antonio Maria, 2020b, "Work, wage and subsidy: making a living between regulation and informalization", in Susana Narotzky (org.), *Grassroots Economics: Living with Austerity in Southern Europe*. Londres: Pluto Press, 50-72.
- PUSCEDDU, Antonio Maria, 2022, "Southern chronicles: the political ecology of class in the Italian industrial periphery", *Capitalism Nature Socialism*, 33 (4): 37-55.
- RAVENDA, Andrea, 2018, *Carbone: Inquinamento Industriale, Salute e Politica a Brindisi*. Milão: Meltemi.
- RUSSO, Giovanni, 1964, *Chi Ha Più Santi in Paradiso*. Roma: Laterza.
- SALLEH, Ariel, 2010, "From metabolic rift to 'metabolic value': reflections on environmental sociology and the alternative globalization movement", *Organization & Environment*, 23 (2): 205-219.
- SALLEH, Ariel, 2017 [1997], *Ecofeminism as Politics: Nature, Marx and the Postmodern*. Londres: Zed Books.
- SANGIOVANNI, Andrea, 2006, *Tute Blu: La Parabola Operaia nell'Italia Repubblicana*. Roma: Donzelli.
- SCHNEIDER, Jane (org.), 1998, *Italy's "Southern Question": Orientalism in One Country*. Oxford: Berg.
- SKEGGS, Beverly, 2014, "Values beyond value? Is anything beyond the logic of capital?", *The British Journal of Sociology*, 65 (1): 1-20.
- UZZEL, David, e Nora RÄTHZEL, 2013, "Mending the breach between labour and nature: A case for Environmental Labour Studies", in Nora Räthzel e David Uzzel (orgs.), *Trade Unions in the Green Economy: Working for the Environment*. Londres: Routledge, 1-12.
- VASUDEVAN, Pavithra, 2021, "An intimate inventory of race and waste", *Antipode*, 53 (3): 770-790.
- WHITE, Richard, 1996, " 'Are you an environmentalist or do you work for a living?': work and nature", in William Cronon (org.), *Uncommon Ground: Rethinking the Human Place in Nature*. Nova Iorque e Londres: Norton & Company, 171-185.
- ZINN, Dorothy L., 2019, *Raccomandazione: Clientelism and Connections in Italy*. Nova Iorque: Berghahn.

Receção da versão original / Original version

2023/07/11

Aceitação / Accepted

2023/11/22

Pré-publicação online / Pre-published online

2025/02/10